

Primeiro estudo compacto sobre o Jornalismo no Brasil

PENA, Felipe
Teoria do Jornalismo
São Paulo: Contexto, 2005, 235 p.

Por João de Deus Corrêa

“Gostamos do direito à liberdade, mas desconfiamos das responsabilidades inerentes a ela. Quando nos colocam regras de conduta, dizemos logo que é censura. Ao menos, é claro, que sejam as regras do patrão. Aí damos outro nome: política editorial. E, reparem, nem sei se isso é necessariamente ruim.” (p.108)

A passagem acima é emblemática. Condensa o *animus* da mais recente publicação do jornalista e acadêmico Felipe Pena. Em *Teoria do Jornalismo* ele apresenta uma postura crítica sobre postulados predominantes na categoria dos jornalistas, incluindo-se nelas, pois foi de estagiário do jornal *O Dia* a repórter e apresentador da *TV Manchete*, de um lado. Enquanto de outro, como acadêmico, pois é Doutor em Literatura e professor da Universidade Federal Fluminense, apresenta seu trabalho na primeira pessoa - às vezes subli-

nhando suas ideologias e métodos pessoais -, destoando nitidamente dos protocolos vigentes na Academia. Justifica a atitude pelo desejo de enxugar de pompas e circunstâncias o discurso, em benefício da simplicidade, resultado do tratamento objetivo, quase jornalístico, que dá ao texto.

Sem subterfúgios, o leitor depara com traços da visão do autor, já no primeiro enunciado: *Qualquer teoria não passa de um reducionismo*. O segundo, então, estabelece o paradoxo: *Então, para que escrever uma teoria do jornalismo?* Ele responde, de imediato, que é pelo mesmo motivo pelo qual são feitas as teorias – *para aprofundar o conhecimento sobre elas*. Assim, reduzir e aprofundar são os propósitos que sustentam o estudo de Pena, concentrado nas questões básicas: Por que as notícias são como são e quais os efeitos que essas notícias geram?

Tendo como referência esses dois espeques, o autor arquiteta um varal didático onde estende ao Sol e ao vento as mais diversas concepções produzidas sobre o jornalismo. Nessa magistral gambiarra – pois cada teoria tem luz própria –, o leitor não vai encontrar, pendurada, uma teoria unificada, totalizante. Se há um toldo que cobre todas as singularidades do varal, dando-lhe uma unidade, é o olhar atento do autor que transparece no tratamento estilístico despojado e límpido, apesar da iminência da primeira pessoa. Assim, estão lá, alceadas em pouco mais de duzentas páginas, as clássicas teorias do *espelho*, do *newsmaking*, do *gatekeeper*, do *agendamento* e dos *definidores primários*, entre outras. Felipe Pena segue o prontuário de todos os bons varais, expondo desde as peças mais intimistas às mais vocacionadas para as *ágoras*, na esperança de que a brisa da curiosidade e o calor da aplicação se associem para enxugar dúvidas e eliminar dobras das subjetividades diversas, inevitáveis.

No entanto, é da lavra do autor a mais surrealista das peças; trata-se do fruto do seu projeto de doutorado na PUC-Rio, batizado de *Teoria dos frac-tais*. Aqui, ao invés de oferecer um recurso marcado pela padronização, que venha a tranquilizar o leitor, Pena se debruça sobre um objeto que se constitui por estar fora da ordem sincrônica, estimulando um olhar e um relato fragmentários. Sua teoria tem como objeto a produção de textos biográficos e se apresenta como um recurso literário, apenas; não chegando a vislumbrar afinidade com o jornalismo em si, mas com o exercício de apuração, elaboração e relato

“o leitor não vai encontrar, pendurada, uma teoria unificada, totalizante.”

de possíveis autores na tarefa de explorar “um filão editorial”, “especialmente aqueles jornalistas cansados da rotina das redações e do pouco espaço para se aprofundar nos assuntos” (161).

Todavia, mesmo fazendo a ressalva de se tratar de uma “teoria da biografia sem-fim”, Felipe lança sementes, poucas na verdade, sobre a aplicabilidade jornalística de sua teoria:

“Quando a mesma história é contada de maneira diferente por duas fontes, a opção é registrar as duas versões, destacando a autoria de cada uma delas.(p. 163) Como, sabidamente, já se faz nas melhores reportagens. O relato biográfico...tenta ordenar os acontecimentos...na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável...uma suposta verdade, uma suposta realidade. Mas, o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito de real.”

Existe algo mais claramente jornalístico do que isso? Qual notícia não se apresenta como a versão verdadeira? Qual a reportagem que não leva o carimbo implícito de que é a reconstrução fidedigna do real? E os editoriais, não querem, todos eles, defender a mais justa verdade, por mais que cantada sobre um palanque ideológico notório do veículo?

Tais observações são um pretexto para uma ressalva sobre a publicação e uma provocação ao autor. A ressalva é quanto à limitação do estudo apenas ao produto jornalístico notícia, explicitada claramente (p.17), por mais que haja uma pequena unidade dedicada à reportagem

(pp.74/79). E o jornalismo nitidamente ultrapassa o fazer noticioso, tanto no empenho elaborativo quanto na responsabilidade cívica. A provocação é relativa à teoria da lavra do autor: por que não retirá-la do escaninho da literatura e estendê-la sobre o jornalismo? A *Teoria dos fractais* nos parece ter elasticidade suficiente para abarcar a *história à queimadura* rigorosamente fragmentária que o jornalismo produz e disponibiliza de sol a sol. Ninguém melhor que Felipe Pena para se debruçar sobre sua *Teoria dos fractais biográficos*, sob um olhar jornalístico. Lembrando que a alcunha de “surrea-

lista”, aplicada a sua concepção, é um fino elogio; apenas alguns requintados mestres da pintura se atreveram a pisar nesse imprevisível terreno de fractais. E Salvador Dalí nos parece a melhor companhia. O jornalismo agradecerá.

Sobre o autor

João de Deus Corrêa é Jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.